



21º. domingo depois de Pentecostes (24.10.04) Próprio 25

1ª leitura (Antigo Testamento) – Jeremias 14 (1-6) 7-10,19-22

Jeremias está falando de uma gravíssima situação em Jerusalém. Além da ameaça da invasão babilônica, começa a faltar água por causa da seca (v.3 e 4), os animais morrem (v.5-6). Isso tudo destrutura não apenas a economia, mas a própria vida. Jeremias reconhece que isso tudo está acontecendo, em parte por causa "dos nossos pecados" (v.7).

Porém, é preciso tomar certo cuidado aqui – o profeta não está simplesmente apregoando uma teologia da retribuição. Todo o contexto do profetismo aponta para as crises sociais como conseqüências de políticas opressoras, do orgulho e do fato de os ricos e poderosos se afastarem do projeto de Deus para a sociedade. A longo prazo, as conseqüências são sempre desastrosas. Quando uma sociedade é bem administrada, o impacto causado pelas vicissitudes naturais (enchentes ou secas) pode ser minimizado. Mas parece não haver mais esperança para Jerusalém. – no campo há mortos em combate, e na cidade há fome (v.18). Nessa situação, os próprios líderes já não sabem o que fazer (v.18b)

Na verdade, a única esperança que Jeremias vislumbra é clamar a Javé, lamentando: "esperávamos paz, mas nada de bom acontece; esperávamos salvação e aí está o terror" (v.19). Ainda assim, Jeremias pede que Javé não os abandone, que mantenha a fidelidade à aliança.

De fato, boa parte dos graves problemas sociais enfrentados hoje no mundo são apenas conseqüência do pecado da má administração, da má distribuição de renda, da ganância dos poderosos, da corrida pelo lucro a qualquer preço e do desprezo pelos humildes, da ambição e da guerra. Às vezes isso acontece também na igreja: muitas crises que enfrentamos são resultado do nosso pecado de soberba e da luta pelo poder. E quem colhe vento, semeia tempestade. Jerusalém, de fato, foi invadida, arrasada e parte de sua população deportada. Foi preciso que o povo amargasse alguns anos de exílio para que tivesse nova oportunidade de reconstrução.

O texto bíblico é um alerta para que avaliemos o modo como está sendo administrada nossa sociedade em diversos âmbitos (a cidade em que vivemos, o nosso estado, país, e também a instituição eclesial da qual fazemos parte). A Bíblia está aqui nos chamando a considerarmos, como Jeremias fez, as causas de nossas crises. Às vezes chegamos a um ponto irreversível de crise, e só nos restará o exílio e a amargura por algum tempo. Será o nosso tempo de "vacas magras" e "espigas secas". Mas o Deus que é fiel à sua aliança, sempre nos concederá uma nova oportunidade, um novo recomeço (CEBC).

2ª leitura – II Timóteo 4.6-8, 16-18.

Iniciamos nossa reflexão na semana passada falando do sentimento de fracasso que milhões de pessoas, em todo o mundo, sentem. Acreditamos que boa parte desta



depressão e deste sentimento de fracasso é resultado da ausência de sentido para a vida. É uma espécie de supremacia no niilismo fortalecida pela nossa cultura do supérfluo. Neste nosso mundo já sem sentido e marcado por aquilo que Comte-Sponville chama de o “vazio do absoluto”, é absolutamente imprescindível resguardar algumas certezas, sem as quais efetivamente caímos em um processo de anomia.

Depois de insistir de forma forte para que Timóteo assuma sua condição de evangelista e de pregador do Evangelho em todo lugar e todo tempo, Paulo apresenta a razão de sua insistência: sua vida está chegando ao fim. Neste momento ele faz uma série de considerações sobre aquilo que, de fato, é importante em sua vida. Pensando nisso falaremos hoje sobre o seguinte tema: **o que realmente é importante para nós?**

A primeira coisa realmente importante para nós, **é saber viver**. Segundo Paulo, precisamos aprender a viver como quem combate. A imagem sugere tanto uma luta pessoal - como o boxe - como uma batalha envolvendo um exército. Segundo Paulo, precisamos aprender a viver como quem corre. Esta imagem fala do corredor que supera todas as suas limitações para alcançar seu alvo, ou seja, a coroa da vitória. Estas duas imagens usadas por Paulo possuem um alvo só: ensinar a necessidade de perseverar até completar a carreira e até vencer a batalha. Mas acima de tudo, para Paulo, é preciso aprender a guardando a fé. “Guardar a fé” é mais uma metáfora usada por Paulo. Ele está fazendo referência ao mordomo que guarda e que se responsabiliza por algo que não é dele. Quando ele fala em guardar a “fé”, ele pode está falando aqui do *kerigma*, ou seja, da proclamação básica da Igreja. Uma música antiga regravada recentemente pelos *Titãs* tem como refrão a seguinte frase: “è preciso saber viver!!” Será que temos prestado atenção a este necessidade fundamental?

A segunda coisa realmente importante para nós, **é saber morrer**. Quando Paulo fala da morte ele também se serve de algumas metáforas para que possa trazer verdades mais profundas, uma vez que a simples palavra não consegue dizer tudo. Para Paulo, assim como precisamos aprender a viver, devemos aprender a morrer como uma libação. Esta palavra “libação” faz referência ao derramamento de vinho que era feito sobre a vítima pouco antes de sua morte, segundo as leis cerimoniais judaicas. Isto significa que Paulo estava como que se apresentando para derramar seu sangue (como um bom vinho) a fim de untar o sacrifício que seria apresentado a Deus. Outra metáfora que ele usa aqui é quando ele fala em “partir”. Aqui ele está fazendo referência, diz Glenn Hinson, ao “afrouxamento das cordas de suas estacas, na preparação para o navio zarpar ou para que os soldados levantassem acampamento”. Desta forma aprendemos que nossa morte deve ser encarada tanto como um momento corriqueiro na vida do navegante ou do soldado, como um oferecimento que tornará agradável nossa ida até Deus.

Um amigo que é médico disse-me certa vez: “Tenho visto muitas pessoas na hora da morte. Algumas morrem tranquilas, em paz, com a consciência de que seu tempo chegou e que agora é preciso dar um passo adiante em sua existência. Mas também tenho visto pessoas agarrarem forte minha mão e clamarem para que não as deixe morrer. Nos olhos destas pessoas é possível encontrar a dúvida e o medo diante



do que estão prestes a passar". Destas palavras compreendemos que assim como devemos aprender a viver, também devemos aprender a morrer.

A terceira coisa realmente importante para nós, **é saber confiar**. Tanto a vida como a morte são momentos importantes para todos nós. Mas o diferencial está na forma como encaramos estes momentos. Para Paulo, a confiança era fundamental para quem quer encarar a vida ou a morte. Para tanto era necessário confiar que a coroa já está guardada. Assim como na antiguidade, coroas eram colocadas para adornar os túmulos e os caixões tanto de nobres quanto de plebeus. Kelly acha que esta "coroa" é uma referência à vida eterna que Deus tem para nos dá. A expressão "me está guardada", diz Glenn Hinson, é uma fórmula idiomática "usada na época de Paulo, para retratar a recompensa dada, por um monarca, a um súdito leal, devido a serviço fiel". Esta recompensa não seria apenas lauréis do atleta, mas a vida eterna com Deus. Uma vez que Ele é o juiz, é ele quem vai me dá a coroa. Esta coroa seria dada não apenas a Paulo, mas a todos os que amam (agapekosi) ou seja, anseiam, pela vinda, ou pela Parousia de Cristo. A confiança, agora, está revestida de um sentimento muito mais forte: a saudade, o profundo desejo de que a distância se desfaça e de que seu Senhor e Salvador se aproxime e o receba em seus braços. As palavras que ele dirá naquele dia, Paulo já sabe: "vinde bendito de meu Pai. Possuí por herança o reino que já está preparado desde a fundação do mundo".

Será que temos nutrido esta esperança? Estamos prontos para viver e para morrer da melhor forma possível? Que Deus nos ensine os segredos de uma vida e de uma morte em absoluta confiança a suas promessas. (JLFA)

Santo Evangelho - Lucas 18.9-14

Estamos diante de outra parábola. O cenário é o Templo. Segundo a maioria dos comentaristas bíblicos, não se trata de um momento de devoção particular, mas de adoração coletiva. Todos os dias havia sacrifícios no Templo pela manhã e à tarde, com grande número de participantes que depois iam para seus afazeres diários ou para seu descanso noturno. Os personagens também são representativos: um fariseu (membro de um grupo religioso que zelava muito pelo rigoroso cumprimento das leis) e um publicano (colaborador do Império, classe freqüentemente acusada de corrupção e traição aos interesses nacionais).

O fariseu, em um gesto de superioridade religiosa, coloca-se à parte dos demais adoradores. Tudo o que o fariseu diz a respeito de si mesmo na oração era verdade. Um fariseu dificilmente mentiria perante Deus em oração. Eles realmente praticavam aqueles exercícios devocionais mencionados e eram muito fiéis na prática do dízimo. Isso lhes servia como garantia de auto-justificação. E conforme a introdução da parábola, esse é o tema central: a justiça pessoal (ou a santidade) perante Deus. As frases do fariseu, porém, muito mais do que uma oração, serviam como um admoestação a outros. Sua "oração", afinal de contas, era um ato de auto-



propaganda, de ensoberbecimento. Não há nenhuma palavra de gratidão ou nenhum reconhecimento de culpa.

Já o publicano reconhecia o quão afastado estava dos padrões religiosos. Mas há algo que faz diferença: ele estava quebrantado. Queria reconciliar-se com Deus, e por isso clama para que aquele sacrifício fosse propício a ele, que o sacrifício do altar lhe atingisse, lavasse suas culpas e seus erros. Conforme Jesus, os dois homens voltaram do templo diferentes: o fariseu, do mesmo modo, feliz na autocomplacência de seus deveres cumpridos. Feliz, mas não justificado. O publicano, sim, reconhecendo todas as suas limitações, desceu justificado, porque confiou unicamente no sacrifício expiatório. A diferença mais significativa inserida por Jesus nessa parábola é quanto reside no fato de que, na concepção farisaica, Deus deve justificar o que já é "justo", o que pratica as obras religiosas recomendadas. Mas Jesus ensina, ao contrário. Deus não justifica o justo, e sim o pecador.

A justiça pessoal é uma dádiva que recebemos de Deus pelo sacrifício expiatório completo e suficiente de Cristo na cruz. Não é uma recompensa ou uma medalha de "honra ao mérito" que ganhamos porque cumprimos à risca certas determinações religiosas.

Na leitura do Antigo Testamento, Jeremias reconhece, quebrantado, perante Deus os pecados da nação. No evangelho a abordagem é mais pessoal. Mas em ambos a ênfase permanece a mesma: é preciso humildade, reconhecimento de nossas falhas e confiança exclusivamente no amor de Deus. (CEBC).